

RESENHA

A NEGATIVIDADE CONSTRUTIVA: UMA CONTRIBUIÇÃO À POLÍTICA DO “NÃO É NÃO”, DO “ELE NÃO” E DO “ME TOO”

HAN, Sangwon. **Konstitutive Negativität**. Zur Rekonstruktion des Politischen in der Negativen Dialektik Adornos. Bielefeld: Transcript, 2016. 271 p.

Emmanuel Nakamura¹

Recebido: 08/2019
Aprovado: 11/2019

A negatividade que Han aborda em seu livro diz respeito a uma negação de amplitude sistêmica – uma negação do sistema capitalista. Muito provavelmente o autor do livro não concordará com o título da minha resenha, pois, talvez como qualquer outro adorniano, suponho que ele achará uma violência reduzir a filosofia do negativo a esses três casos do debate público contemporâneo. Meu intuito aqui não é nem desmerecer a interpretação de Han e nem reduzir a importância desses fatos. Pelo contrário, ao identificar – cuidado: palavra anti-adorniana por excelência – a interpretação de Han sobre a *Dialética negativa* de Adorno com essas três palavras de ordem dos movimentos sociais de gênero – “não é não”, “ele não” e “me too”² –, eu pretendo mostrar que a *filosofia social* ganha com a contribuição de Han um conceito para refletir sobre a característica dessas movimentações sociais, marcadas pela (1) capacidade de *dizer não* a preconceitos de gênero e pela (2) *solidariedade* em relação a sofrimentos causados por preconceitos e abusos ligados à questão de gênero. Se ao final deste texto a *filosofia do*

¹ Doutor em Filosofia pela Humboldt-Universität zu Berlin (Alemanha), com bolsa do DAAD. Autor de *Der Maßstab der Kritik des modernen Staates bei Hegel und Marx: der Zusammenhang zwischen subjektiver und sozialer Freiheit*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2018. E-mail: el.nakamura@gmx.de

² O “não é não” é lema de uma campanha, iniciada no carnaval de 2018 no Brasil, contra o assédio sexual. A hashtag #EleNão surgiu como protesto de movimentos feministas contra o então candidato do PSL, durante a disputa eleitoral de 2018 à presidência da república no Brasil. A expressão “Me too” surgiu em 2006 com a ativista social norte-americana Tarana Burke, foi popularizada em 2017 como uma hashtag #MeToo pela atriz Alyssa Milano com as acusações de abuso sexual contra o produtor de cinema Harvey Weinstein, tornando-se então um lema de um movimento contra o abuso e a agressão sexual.

dizer não se apresentar como não sendo isenta de contradições é porque a filosofia, no âmbito do espírito objetivo, não tem mesmo como suspender completamente as contradições da realidade social.

O livro *Konstitutive Negativität* tem fundamentalmente dois objetivos: (1) apresentar uma reinterpretação da filosofia adorniana do negativo que suspenda a aporia que resulta da confusão de Adorno entre categorias da *Ciência da lógica* e do *Espírito objetivo* e do caráter antissistemático de sua filosofia – sim, não tenha dúvidas, trata-se de uma reinterpretação fortemente influenciada por Hegel, particularmente, pelo Hegel de Andreas Arndt (cf. 2015); e (2) apresentar uma concepção de política do negativo enquanto uma “postura” ou uma “atitude” (*Haltung*) de “dizer não” (*Nein-Sagen*) (Han, 2016, p. 192). Enquanto uma postura, o negativo precisa de uma constituição ou formação; na medida em que o ato de dizer não a uma situação ambiciona uma “transformação positiva da realidade” (*positive Veränderung der Realität*) (Ibid., p. 255), a constituição do negativo tem também um caráter *construtivo* – a expressão é minha. O leitor que estiver esperando por um confronto entre a interpretação de Han e uma leitura direta de Adorno ficará decepcionado com a minha resenha, pois me falta uma leitura mais robusta da obra de Adorno.

Han divide a sua argumentação em duas partes – “Filosofia do dizer não” (*Philosophie des Nein-Sagen*) (Han, 2016, p. 27-140) e “Para a política da negatividade” (*Zur Politik der Negativität*) (Ibid., p. 141-251) – e quatro capítulos – 1. “Negatividade e autocrítica da dialética” (*Negativität und Selbstkritik der Dialektik*) (Ibid., p. 29-74): uma reconstituição crítica da *Dialética negativa* de Adorno; 2. “Dialética Negativa e a constelação da crítica do conhecimento e a crítica social” (*Negative Dialektik und die Konstellation der Erkenntniskritik und Gesellschaftskritik*) (Ibid., p. 75-140): uma proposta de releitura da *Dialética negativa* como um “método político” (*politische Methode*) (Ibid., p. 221); 3. “Permanecer no negativo: intelecção sobre a negatividade da sociedade” (*Verweilen beim Negativen: Einsicht in die Negativität der Gesellschaft*) (Ibid., p. 143-180): uma crítica à forma de vida falsa ou precária e à lógica moderna da integração política como forma de produzir inimigos; e 4. “Negação do negativo: teoria política do sujeito” (*Negation des Negativen: Politische Theorie des Subjekts*) (Ibid., p. 181-251): a formação dos “não-idênticos que sofrem” (*leidenden Nichtidentischen*) como sujeito político (Ibid., p. 181).

Han parte do diagnóstico histórico de que nós vivemos um período de “excesso do positivo” (*Überfluss an Positivem*) (Han, 2016, p. 7). O autor se refere ao velho diagnóstico de

fim da história e de ausência de alternativas revolucionárias. Esse “domínio do positivo” (*Herrschaft des Positiven*) produz, no entanto, sofrimentos: as formas precárias de vida das gerações mais jovens, a situação catastrófica dos refugiados e a lógica de austeridade econômica à qual estão submetidos os países empobrecidos são alguns exemplos (Ibid., p. 7-8). Diante desse diagnóstico, Adorno nos forneceria uma filosofia que é “expressão do sofrimento” (*Ausdruck des Leidens*) e, ao mesmo tempo, uma forma de resistência contra a situação “negativa” do mundo (Ibid., p. 8). – Se eu não estiver compreendendo de forma muito brutal, temos aqui uma definição prévia de *negativo*: ele não é uma categoria lógica – tal como seria para Hegel. *Negativo* é sinônimo de *falso* e diz respeito à falsa universalidade do positivo que causa sofrimento. Mas desvincular o negativo de uma categoria lógica tem o seu preço. Em sua empreitada antissistemática, Adorno acaba misturando categorias lógicas com categorias da filosofia real. Como seria possível então analisar o “poder de aplicação” (*Anwendungskraft*) da *Dialética negativa* se as categorias do conhecimento teórico são desde sempre identificadas com a realidade? A livro de Han é uma tentativa de contornar esse problema e dar um significado político-prático à filosofia adorniana do negativo. O negativo ganha, com a interpretação de Han, uma dimensão *social-filosófica* consistente, cujo poder de explicação de fenômenos sociais se evidencia, em minha hipótese de leitura, quando nos voltamos para movimentações sociais como “não é não”, “ele não” e “*me too*”.

Se o negativo aparece num primeiro momento como a universalidade falsa do positivo, a *negação* se apresenta como o sinônimo de *reflexão* crítico-filosófica que não toma a imediatividade social como um dado (Han, 2016, p. 12). A “política da negatividade” (*Politik der Negativität*) seria então a *mediação* entre o negativo do poder autonomizado do social e a possibilidade de ação individual autônoma (Ibid., p. 18). Mas para reconstruir essa mediação de maneira consistente o autor terá que, primeiramente, reconstituir a dialética negativa adorniana contornando os seus impasses. Para Han, a abstração real adorniana pode ser interpretada de duas formas: (1) como uma “equiparação holística-ontológica” (*holistisch-ontologische Gleichsetzung*) entre formas *conceituais* do pensar e a realidade e (2) como uma “analogia estrutural” (*strukturelle Analogie*) entre esses dois níveis de abstração do pensar. Para o autor, a primeira opção, ao amalgamar o âmbito abstrato-conceitual com a realidade, corre o risco de cair em um dogmatismo, pois essa equiparação seria impossível de ser comprovada (Ibid., p. 81) – detalhe: suspeito que a *Neue Marx-Lektüre* siga esse caminho.³ A interpretação alternativa de Han se

³ “Hegel antecipa no plano filosófico o que Marx decifrou como [sendo o] segredo da sociedade civil burguesa” (Reichelt, 1970, p. 77, trad. minha).

apoia na hipótese de uma analogia estrutural entre conceito e realidade, mas essa opção não deve nos conduzir a uma análise puramente lógica do conceito de negatividade. A *Dialética negativa* de Adorno deve nos fornecer o “quadro conceitual para a fundamentação da política da negatividade” como um “método político” (Ibid., p. 70 e 221). O modelo para a formação desse quadro conceitual é a *Fenomenologia do espírito* de Hegel: os conceitos filosóficos se formam por meio da experiência fenomenológica, isto é, por meio da análise dos contextos de significação dos conceitos. Contudo, a experiência aqui não é aquela percorrida pelo *Saber absoluto*, mas sim a experiência da dinâmica contraditória da sociedade capitalista: a dialética negativa adorniana é formada a partir da crítica imanente ao princípio de identificação presente na forma mercadoria (Ibid., p. 62). A crítica imanente, operada por meio do conceito hegeliano de *negação determinada*, confere “produtividade” à negatividade – daí a ideia de “negatividade constitutiva” (*konstitutive Negativität*), que permitiria Adorno (e não Marx) desvendar o caráter *necessário* da aparência ideológica da universalidade da forma mercadoria. Certamente, uma leitura do capítulo 22 d’*O capital* – quando Marx mostra como a lei da troca de mercadorias, baseada no direito de propriedade sobre o próprio trabalho, se inverte na lei da apropriação capitalista, baseada no direito de apropriação de trabalho alheio sem equivalente – evitaria Han de cometer tamanha grosseria com Marx (cf. Marx, 1991, p. 526). Todavia, tal erro não atrapalha o raciocínio de Han: como determinação e negação são dois momentos inseparáveis, a crítica imanente se apresenta como uma “autotranscedência imanente” (*immanente Selbsttranszendenz*), isto é, como desenvolvimento interno da consciência do sujeito que questiona o princípio de identidade da sociedade capitalista (Han, 2016, p. 200). – Para mim, não fica claro como a ideia de autotranscedência imanente se conecta com a hipótese interpretativa de uma “analogia estrutural” entre forma conceitual do pensar e realidade.

O princípio de identidade da falsa universalidade capitalista se apresenta, no âmbito político, como uma “lógica paradoxal de integração e desintegração”, segundo a qual a unidade política precisa, constantemente, produzir o seu inimigo não-idêntico, como p. ex. os judeus e a classe trabalhadora (Han, 2016, p. 172). O não-idêntico demonstra que o princípio da identidade da sociedade capitalista não forma uma totalidade perfeita (Ibid., p. 174). Essa totalidade imperfeita é uma falsa forma de vida sentida como sofrimento para os não-idênticos. O esforço de Han será então o de pensar, com Adorno, como os não-idênticos podem se tornar *sujeitos políticos*. Sabemos que se trata de uma “política da negatividade” e que esta deve fazer a mediação entre indivíduos autônomos e o negativo da autonomização do poder social capitalista,

ou seja, Han não está interessado em pensar a formação de uma consciência de classe nos moldes da tradição marxista.

A formação ou educação dos “não-idênticos que sofrem” como sujeitos políticos é pensada por Han como uma “emancipação”, que aponta tanto para o caráter social e político de um sujeito coletivo, como também para a “aparição” ou “conduta” de “sujeitos emancipados” (*Auftreten der mündigen Subjekte*), no sentido kantiano de autonomia (*Autonomie*) ou autodeterminação (*Selbstbestimmung*) do sujeito moral e de formação de uma “afinidade afetiva comum” (*gemeinsame affektive Affinität*), formulada na *Crítica da Faculdade do Juízo* (Han, 2016, p. 190, 214 e 242). A formação ou educação do sujeito autônomo passa tanto (1) pela tomada de consciência do horizonte social onde se forma a individualidade e, neste sentido, os valores burgueses não realizados, ou realizados ideologicamente, formam o ponto de partida (Ibid., p. 203), como também (2) por uma desidentificação solidária entre os não-idênticos que sofrem na ordem social sem liberdade. – A política da negatividade pode ser então resumida por meio do seguinte postulado moral: “Tenha coragem de dizer não por meio do seu próprio entendimento!” (*Habe Mut, durch deinen eigenen Verstand nein zu sagen!*) (Ibid., p. 193).

Para Han, essa “afinidade afetiva comum” aparece, na filosofia de Adorno, como uma *capacidade* dos sujeitos políticos que sofrem através do conceito de *mimesis*: compartilhar o sofrimento do outro é uma “capacidade de empatia” (*Fähigkeit der Empathie*), desenvolvida pelo “impulso mimético” (*mimetische Impuls*). A “solidariedade”, mediada pelo negativo da falsa universalidade capitalista e compartilhada entre os sujeitos não-idênticos, mostra que o “sofrimento” (*Leiden*) desenvolve uma capacidade de “compaixão” ou de “sofrer junto” (*Mit-Leiden*) (Han, 2016, p. 206). O conceito de *mimesis* se apresenta, assim, como “um reflexo com reflexão” (*Mimesis als ein Reflex mit Reflexion*), ou um “reflexo” ou “impulso” corporal contra uma “situação repressiva”.⁴ Neste sentido, esse reflexo não é “incondicionado”, como queria Adorno ao dar a ele um caráter “naturalista” ou “antropológico”. Ele é fundamentalmente “condicionado” pela situação social. Na medida em que a “capacidade” para ter “compaixão” ou “sofrer junto” (*Vermögen zum Mit-Leiden*) pressupõe uma consciência reflexiva sobre a situação repressiva, esse reflexo condicionado é consciente (Ibid., p. 216). – Aqui me parece que Han cai em uma aporia ao querer pensar esse “reflexo com reflexão” sem uma mediação discursiva. O impulso mimético pode até ser pensado como a “expressão da experiência indizível

⁴ Em um texto recente sobre o movimento “ele não” contra a campanha a presidente do candidato do PSL no Brasil, Eliane Brum escreve: “Corpos desejantes que se unem na luta também para recuperar a possibilidade de estar juntos sem violência” (Brum, 2018).

do sofrimento” (*Ausdruck der unsagbaren Erfahrung des Leidens*), antes de um procedimento discursivo de legitimação (Ibid., p. 219), mas eu não sei como um sentimento comum de compaixão pode ser compartilhado racionalmente sem a mediação de um discurso.

A política da negatividade se apresenta então como uma capacidade em comum dos sujeitos não-idênticos que sofrem de “dizer não” a uma situação repressiva.⁵ A capacidade de “dizer não” não deve, no entanto, ser pensada apenas como uma “liberdade negativa” dos sujeitos autônomos em relação à falsa universalidade capitalista, pois a autonomia subjetiva implica em uma capacidade de gestar e decidir sobre “suas formas próprias de vida” (*seine eigenen Lebensformen*). Han resgata a relação estabelecida por Marx entre o “conceito de propriedade individual” (*Konzept des individuellen Eigentums*), enquanto “forma econômica da liberdade individual”, e a “associação dos sujeitos livres e autônomos” (*Assoziation freier und selbstständiger Subjekte*), enquanto forma política de autodeterminação individual (Han, 2016, p. 244). Na obra de Adorno, a política da negatividade apareceria como uma forma de *associação* por meio do conceito de “*methexis*”, isto é, como “tomar parte” (*Teil + Haben*), nas palavras de Han, como pretensão a um “direito à participação comum” (*Recht auf die gemeinsame Beteiligung*) (Ibid., p. 229 e 244). A liberdade negativa – concebida como autonomia individual de poder dizer não à falsa universalidade da sociedade capitalista – implica também na liberdade positiva de poder se associar e gestar formas coletivas de vida: a autodeterminação (*Selbstbestimmung*) é, ao mesmo tempo, “participação” ou “co-determinação” (*Mitbestimmung*) nos assuntos públicos⁶ (Ibid., p. 245). No entanto, lá onde se poderia achar que Han começaria a desenvolver um conceito positivo de liberdade, ele insiste em permanecer agarrado à dialética negativa: a reivindicação dos sujeitos livres não-idênticos em participar dos assuntos públicos se dirige contra uma ideia clássica de soberania, ou seja: a participação (*Mitbestimmung*) *democrática* é uma forma de “contra-hegemonia solidária” (*solidarischen Gegenhegemonie*) (Ibid., p. 244) – nada mais fiel a dialética negativa adorniana.

Arriscaria dizer que a dialética negativa adorniana, na interpretação de Han, nada mais é do que uma *ideia finita da liberdade*. A dialética negativa forma, segundo a sua tese, um método para pensar uma *política da negatividade*, só que diferentemente do método dialético hegeliano – que se volta para as categorias abstratas do pensar para se formar, num primeiro momento, como um método subjetivo diante do mundo exterior e, por meio dessa pura auto-

⁵ “Ele não” porque “queremos que a violência deixe de determinar a experiência do que é ser uma mulher. Porque queremos que a violência abandone nossos ossos” (Brum, 2018).

⁶ “Ele não” porque “ser mulher hoje [...] é ter gritado Nosso Corpo, Nossas regras na rua” (Brum, 2018).

relação consigo mesmo, formar uma ideia *perfeita* da liberdade –, a dialética negativa se forma, desde sempre, por meio de categorias concretas do pensar, já que seu ponto de partida é a análise marxiana da forma valor, ou seja, ela é uma ideia do finito em relação consigo mesmo (do finito infinitizado?). A política do negativo *se constitui* através da constante capacidade dos sujeitos não-idênticos e organizados solidariamente em dizer não à falsa universalidade da sociedade capitalista que causa sofrimento. Ela é, a meu ver, *construtiva*, porque esse incessante dizer não à uma realidade repressiva é (1) um processo de aprendizagem enquanto formação de sujeitos, (2) a política do dizer não é uma *forma de existência do negativo* e, assim, algo *positivo* e (3) dizer não à uma realidade significa aspirar a uma transformação positiva da realidade. – Não consigo avaliar até que ponto Han consegue contornar, satisfatoriamente, esse déficit de abstração da dialética negativa adorniana, mas isso talvez seja pouco importante. Minha hipótese é que a política do dizer não às situações que causam sofrimento – literalmente expressa pelos movimentos sociais ligados à questão de gênero – ganha, com o livro de Han, uma consistente contribuição para uma reflexão filosófica.

Referências

ARNDT, A. **Geschichte und Freiheitsbewusstsein**. Zur Dialektik der Freiheit bei Hegel und Marx. Berlin: Eule der Minerva Verlag, 2015.

BRUM, E. #EleNão. #NósSim. El País, 29/09/2018. Disponível em: <<https://goo.gl/QvVfZH>>. Acesso em: 03/10/2018.

HAN, S. **Konstitutive Negativität**. Zur Rekonstruktion des Politischen in der Negativen Dialektik Adornos. Bielefeld: Transcript, 2016.

MARX, K. **Das Kapital**. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1890. MEGA II/10. Berlin: Dietz, 1991.